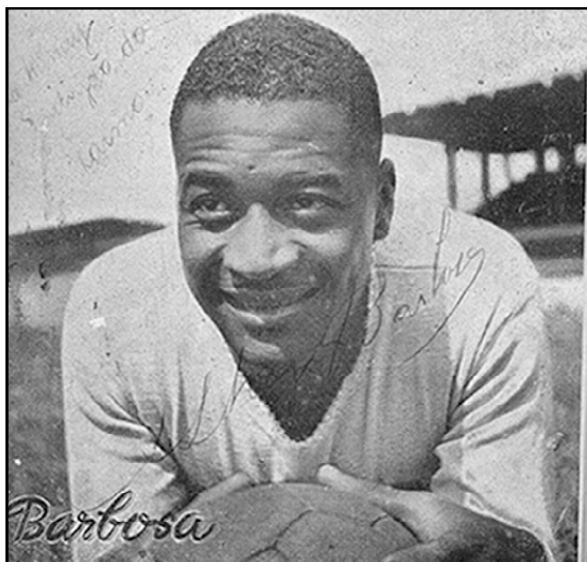


Racismo no futebol

Considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história

FREDERICO HUBER, RICARDO ALENCAR, THALES COUTINHO E VINÍCIUS FAUSTINI



Atendência a se pensar que há distinção e superioridade entre as raças humanas escreveu muitas páginas tristes na história. Os genocídios na Idade Média, a escravização dos negros no período das grandes navegações, e o holocausto arquitetado por Adolf Hitler na Segunda Guerra Mundial são alguns dos episódios que, em sua época, foram justificados pelo ideal da existência de uma “raça pura”.

Nem mesmo a elaboração da Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948, e o combate a movimentos racistas impediram ações preconceituosas. A prática racista se estende, até mesmo, ao âmbito do futebol e traz exemplos que presenciamos ainda hoje.

Negro de cara branca: a origem do “pó de arroz”

Em seus primeiros passos, o futebol carioca se caracterizou pelo amadorismo, com equipes formadas por pessoas da elite. Não havia espaço para mulatos, negros ou atletas pobres.

O primeiro jogador a quebrar esta barreira foi Carlos Alberto. Em 1914, o jogador entrou em campo pelo Fluminense Futebol Clube usando pó-de-arroz no rosto. Ele tinha medo da aristocracia da torcida tricolor rejeitá-lo pela cor da pele. Durante a partida, o suor começou a tirar a maquiagem de Carlos Alberto e, por causa dele, as demais torcidas de times cariocas começaram a definir a torcida do Fluminense como “pó-de-arroz”.

No início de sua história no futebol, o Clube de Regatas Vasco da Gama se destacou por aceitar negros e mulatos em seu elenco. Os jogadores, que eram operários e moravam nos bairros dos subúrbios do Rio, também recebiam o “bicho” (dinheiro por terem atuado numa partida), prática não utilizada nas outras equipes cariocas. Em 1923, o Vasco foi campeão carioca, disputando pela primeira vez a 1ª Divisão do Campeonato Carioca.

De acordo com o jornalista Abraham B. Bonadena (em seu livro *O expresso da vitória*), as demais equipes se mobilizaram para evitar que o Vasco fosse campeão invicto do torneio. Afirma-se que, na partida entre Flamengo e Vasco, o juiz Carlito Rocha teria anulado um gol legítimo a favor da equipe vascaína, dando a vitória ao Flamengo pelo placar de 3 a 2.

A maldição do goleiro negro na seleção brasileira

A Copa do Mundo de 1950 foi um marco para a posição de goleiro na Seleção Brasileira. A suposta falha de Barbosa na decisão contra o Uruguai deixou escapar o título mundial em pleno Maracanã superlotado por fanáticos torcedores. O arqueiro do Brasil, que morreu em 2000, conviveu com o estigma de ser um dos principais culpados pela derrota até o fim de seus dias.

A partir do gol de Ghigia, o segundo da vitória uruguaia por 2 a 1, os goleiros negros passaram a ser preteridos em relação aos brancos. Na época, o jornalista Mário Filho (autor do livro *O negro no futebol brasileiro*) chegou a dizer que Barbosa era “realmente um grande *keeper*

(goleiro), porém um grande tremedor. Tremeu tanto em um jogo contra os argentinos que teve de mudar o calção quando acabou o primeiro tempo”.

Quem também testemunhou a construção da superstição da camisa 1 foi o cronista Luis Fernando Veríssimo. O autor disse, em entrevista ao jornal *O Globo*, que o preconceito em relação aos negros e mestiços, até então escondido, eclodiu. “Cresci ouvindo dizer que o melhor goleiro do Brasil era o Veludo. Reserva do Castilho no Fluminense e tão bom que também era reserva do Castilho na Seleção. Só não era o titular, diziam, porque era negro. Estereótipos racistas sobre agilidade e elasticidade até favoreciam uma tese inversa, a de que o negro é mais confiável do que o branco no gol. Mas, quando o Barbosa deixou passar aquela bola de Ghigia, em 1950, o preconceito endureceu e virou superstição”.

Alguns goleiros negros tiveram passagens pela seleção brasileira depois de Barbosa. Além de Veludo, reserva em 1954, Manga, que era pardo, chegou a disputar um jogo como titular na Copa de 1966. Fora estes, Lula, Jairo, Tobias e Acácio vestiram a camisa amarela em curtos períodos.

Levou 56 anos, mas a seleção brasileira voltou a ter um representante negro debaixo da trave, como titular, em uma Copa do Mundo. Foi Nelson de Jesus Silva, o Dida, que defendeu o gol brasileiro na Alemanha, em 2006. Mas, a exemplo de Barbosa, o jogador não conseguiu levar o Brasil ao título mundial.

A convocação de Dida pelo técnico Carlos Alberto Parreira fez muitas pessoas adotarem um discurso mais pessimista em relação ao desempenho no Mundial da Alemanha. Um deles foi o humorista Chico Anysio, que declarou: “Não tenho confiança em goleiro negro. O último foi Barbosa, de triste memória na seleção”.

Foram precisos 56 anos para que a seleção brasileira voltasse a ter um goleiro negro como titular em uma Copa do Mundo

Mais do que o mito nascido após a Copa do Mundo de 1950, no Brasil, os reflexos da sociedade em geral afastam os negros da posição de goleiro no futebol. Essa é uma função de confiança do treinador. É um jogador que, de uma forma ou de outra, tem posição de liderança:

comanda a defesa e fala mais alto com os companheiros sem ser contestado.

De acordo com levantamento feito pelo Ibope em 2005, apenas 13,6% dos cargos de supervisor das maiores empresas do país são ocupados por pardos ou negros. Em comparação, este índice foi de 15% entre os goleiros do Campeonato Brasileiro de 2006 (ou três em 20 – Bruno, do Flamengo, Flávio, do Paraná e Edson Bastos, do Fortaleza).

Das arquibancadas aos gramados

Casos antigos de racismo no esporte ultrapassaram a barreira do tempo e permanecem nos dias atuais. Em gramados, quadras e pistas, o preconceito racial se manifesta nos quatro cantos do mundo. Na Europa, recentemente, o jogador Samuel Eto'o, craque do Barcelona, foi vítima de insultos por parte dos torcedores do Zaragoza, pelo Campeonato Espanhol. O caso ganhou grandes proporções por causa da atitude de Eto'o, que ameaçou deixar o campo após as ofensas. O jogo foi paralisado e só continuou depois do jogador ser convencido pelos companheiros de time e pelo juiz, Victor José Esquinas Torres, a seguir no confronto.

Apesar do Comitê de Competições da Federação Espanhola de Futebol ter multado o Zaragoza em 9 mil euros por causa dos incidentes, Eto'o pediu uma punição mais dura aos adversários. “Temos que ter mão firme, mas não com dinheiro. Sei que o clube não consegue controlar seus torcedores, mas devemos buscar uma solução em conjunto e ver se a justiça também pode nos ajudar”, comentou Eto'o.

Parece que o desabafo de Eto'o surtiu efeito. Depois do caso, o governo espanhol esboçou uma lei para ajudar a combater o racismo no esporte. A medida ameaça com multas maiores, subtração de pontos e até rebaixamento para times de futebol em casos graves de manifestação de preconceito.



Para Maurício Murad, diretor do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), não é apenas o preconceito racial que se manifesta nos gramados europeus: “Na Europa, alguns grupos de torcedores são xenófobos, ou seja, têm aversão a estrangeiros”. Jogadores brasileiros como o negro Roberto Carlos, do Real Madrid, ou Robert, do Bétis, ambos de times espanhóis, já foram vítimas da xenofobia dos torcedores.

No Brasil, a realidade não é muito diferente. Nos últimos anos, alguns casos ficaram marcados e, diferentemente da Europa, onde os insultos vieram dos torcedores, aqui os casos aconteceram dentro dos gramados. Em março de 2006, após dar uma cotovelada no volante Jeovânio, do Grêmio, o zagueiro Antônio Carlos, do Juventude, foi expulso e deixou o gramado esfregando o dedo na pele do braço e gritando “macaco”, em referência à cor da pele do adversário. Antônio Carlos, que já serviu à seleção brasileira, fez um pedido público de desculpas, alegando que no calor da disputa, desferir palavrões dos mais variados é algo comum e que não deveria ultrapassar as linhas do gramado.

Jeovânio, porém, disse ter se sentido humilhado e, mesmo com o pedido de desculpas, decidiu processá-lo.

Reação semelhante teve o jogador negro Grafite, ex-atacante do São Paulo, após ter sido chamado de “macaquito” pelo argentino Leandro de Sábato, do Quilmes, durante uma partida pela Libertadores da América em 2005. Grafite, assim como Jeovânio, disse ter se sentido humilhado, prestou queixa, e de Sábato, que foi preso logo após a partida, teve que passar duas noites detido na 34ª Delegacia de Polícia de São Paulo, sem poder viajar de volta para a Argentina com seus companheiros de clube. De Sábato, no entanto, não foi enquadrado em crime de racismo, que é inafiançável, mas por injúria grave, e após o pagamento da fiança foi liberado.

Para o estudioso do assunto Antonio Jorge Soares, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a agressão verbal ou por gesto, ligada à cor da pele, ocorre no calor de um jogo de futebol como ocorrem diversas outras agressões em situações de conflito. “No jogo da provocação, a pessoa puxa aquilo que sabe que vai agredir mais, que vai abalar mais a estrutura emocional da outra”, avalia.

Muitas ações de conscientização sobre o racismo no esporte têm sido tomadas. Na Copa do Mundo da Alemanha, por exemplo, a Fifa aproveitou a grande audiência do evento para chamar atenção para a causa. Outra ação que ficou muito popular foi a campanha através de pulseiras, que continham dizeres condenando a prática racista. Nela, jogadores famosos como Ronaldinho Gaúcho, Thierry Henry e Zidane pedem o fim da discriminação. ☯

Jesse Owens na Alemanha nazista: um atleta negro derruba o mito da superioridade ariana

Quando o atleta negro americano Jesse Owens conquistou quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, tornou-se um símbolo da luta negra contra o racismo em plena Alemanha nazista. Owens virou mito ao vencer as provas e derrubar a teoria da raça ariana que dominava as mentes alemãs moldadas por Adolf Hitler.

A festa preparada pelo ditador, que queria provar dentro de casa a superioridade ariana sobre as outras, foi destruída por um neto de escravos. Além de ter batido cinco recordes mundiais e igualado outro, o americano calou a torcida alemã nazista no Estádio Olímpico, em 4 de agosto de 1936 ao superar, numa disputa acirrada, o atleta alemão Lutz Long com um salto de 8,06m e se tornar o maior nome dos Jogos Olímpicos de 1936.

Hitler, que durante os jogos se recusara a cumprimentar os atletas negros, designou a função de parabenizar Owens (nas vezes em que ele subiu ao pódio) a um dos representantes da competição.

